Revisão: *Ana Corbisier, Joseline Almeida e Maria Elaine Andreoti*
Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*
Impressão e acabamento: *Cromosete*
Ilustração da capa: *Detalhe de tela Unidad - 1975, Kingman (Equador)*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

K81n

Kolontai, Alexandra, 1872-1953
A nova mulher e a moral sexual / Alexandra Kolontai.— 2.ed.—São Paulo : Expressão Popular, 2011.
152 p.

Indexado em GeoDados - http://www.geodados.uem.br.
ISBN 978-85-87394-13-4

1. Mulheres – Condição social. 2. Mulheres – Moral sexual. I. Título.

CDD 305.4

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

2ª edição: agosto de 2011
1ª reimpressão: agosto de 2013

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Rua Abolição, 201 – Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3522-7516 / 4063-4189 / 3105-9500
Fax: (11) 3112-0941
expressaopopular.com.br
editora.expressaopopular.com.br
livraria@expressaopopular.com.br

SUMÁRIO

3

O AMOR-CAMARADAGEM

A nova sociedade comunista está edificada sobre o princípio da camaradagem e da solidariedade. Mas que é a solidariedade? Não somente devemos entender por solidariedade a consciência da comunidade de interesses; constituem a solidariedade, também, os laços sentimentais e espirituais estabelecidos entre os membros da mesma coletividade trabalhadora. O regime social edificado sobre o princípio da solidariedade e da colaboração exige que a sociedade em questão possua, desenvolvida em alto grau, a capacidade do potencial de amor, isto é, a capacidade para a sensação de simpatia.

Se estas sensações faltam, o sentimento de camaradagem não pode se consolidar. Por isso, a ideologia proletária procura educar e reforçar em cada um dos membros da classe operária sentimentos de simpatia diante dos sofrimentos, das necessidades de seus camaradas de classe. A ideologia proletária tende, também, a compreender as aspirações dos demais e desenvolver a consciência de sua união com os outros membros da coletividade. Mas todas essas sensações de simpatia, delicadeza e sensibilidade derivam de uma fonte comum: da capacidade para amar, não de amar no sentido propriamente sexual, mas do amor no sentido mais amplo da palavra.

O amor é um sentimento que une os indivíduos; podemos inclusive dizer que é um sentimento de natureza orgânica. A bur-

guesia compreendeu, também, toda a importância da força do amor na união entre os homens e, portanto, procurou sujeitá-lo a seus interesses. Por isso, a ideologia burguesa, ao procurar consolidar a família, recorre à virtude moral do amor entre os esposos; ser um pai de família era aos olhos da burguesia uma das maiores e mais apreciadas qualidades do homem.

O proletariado, por seu lado, deve diminuir o papel social e psicológico do sentimento do amor tanto no verdadeiro sentido da palavra quanto no que se refere às relações entre os sexos, mas pode e deve considerar estes papéis, para reforçar os laços sociais. Estes não se situam no domínio das relações matrimoniais e da família, mas são os laços que contribuem para o desenvolvimento da solidariedade coletiva.

Qual será, pois, o ideal de amor da classe operária? Em que sentimentos a ideologia proletária deve basear as relações sexuais?

Já vimos, meu jovem camarada, como cada época da história possui seu próprio ideal de amor. Analisamos como cada classe, em seu próprio interesse, atribui à noção moral de amor um conteúdo determinado. Cada grau de civilização traz à humanidade sensações morais e intelectuais mais ricas em matizes, que cobrem o amor com um colorido diverso. A evolução no desenvolvimento da economia e nos costumes sociais foi acompanhada de novas modificações no conceito do amor. Alguns matizes desses sentimentos se reforçavam, mas os outros caracteres diminuíam ou desapareciam totalmente.

O amor, no transcurso dos séculos de existência da sociedade humana, evoluiu de um simples instinto biológico (instinto da reprodução, comum a todos os seres vivos, superiores ou inferiores, divididos em dois sexos) e se enriqueceu sem cessar com novas sensações, até converter-se num sentimento muito complexo.[1]

[1] Outra origem biológica natural do amor é o instinto da maternidade: os cuidados que a mãe tem que dedicar a seu filho. Mesclam-se e cruzam-se entre si e os dois instintos são os que criaram uma base natural para o desenvolvimento das sensações complexas do amor que contribuíram para as relações sociais.

O amor deixou de ser um fenômeno biológico para converter-se num fator social e psicológico.

O instinto biológico da reprodução, que determinou as relações entre os sexos nos primeiros estágios de desenvolvimento da humanidade, adquiriu, pressionado pelas forças econômicas e sociais, dois sentidos diametralmente opostos. Por um lado, sob a pressão de monstruosas relações econômicas e sociais e, mais ainda, sob o jugo capitalista, o sadio instinto sexual (atração física de dois seres de sexos distintos baseada no instinto da reprodução) degenerou e se converteu em luxúria doentia. O ato sexual transformou-se num fim em si mesmo, num meio para alcançar maior voluptuosidade, numa depravação exacerbada pelos excessos, as perversões e as aguilhoadas doentias da carne. O homem procurou a mulher não impulsionado por um desejo sexual que o impelia com todo seu ímpeto para ela; o homem procurava a mulher sem sentir nenhuma necessidade sexual, mas sim com o único objetivo de provocar esta necessidade mediante o contato íntimo com a mulher. Deste modo, o homem procurava a voluptuosidade no ato sexual em si. Se a intimidade do contato com a mulher não provocava a excitação esperada, os homens, deformados pelos excessos sexuais, recorriam a qualquer tipo de aberração.

Por outro lado, a atração física entre os sexos se complica no transcurso dos séculos da vida social na humanidade e das diversas civilizações, adquirindo toda uma gama de matizes e sentimentos diversos. Em sua forma atual, o amor é um estado psicológico muito mais complexo e que há muito tempo se desprendeu por completo de sua fonte originária, o instinto biológico de reprodução, chegando, em muitos casos, a estar em contradição com ele. O amor é um aglomerado de sentimentos diversos: paixão, ternura espiritual, lástima, inclinação, costume etc. É difícil, pois, diante de tão grande complexidade, estabelecer um laço de união direto entre o amor-reprodução (atração física entre os sexos) e o amor-sentimento (atração psíquica). O amor-amizade, no qual não é possível encontrar nem

um átomo de atração física; o amor espiritual, sentido pela causa, pela ideia; o amor impessoal por uma coletividade é sentimento que demonstra claramente até que ponto se realizou e se separou de sua base biológica o sentimento de amor.

Porém, o problema se complica ainda muito mais. Com grande frequência surge uma flagrante contradição entre as diversas manifestações do amor e começa a luta. O amor sentido pela causa amada (não o amor simplesmente pela causa, mas sim pela causa amada) não concorda com o amor sentido pelo eleito ou eleita do coração[2], o amor sentido pela coletividade se apresenta em conflito com o amor sentido pela mulher, o marido ou os filhos. O amor-amizade está em contradição com o amor-paixão. No primeiro caso, o amor está dominado pela harmonia psíquica; no outro está baseado na harmonia do corpo.

O amor revestiu-se de múltiplos aspectos. Do ponto de vista das emoções do amor, o homem de nossa época, no qual os séculos de evolução ocasionaram o desenvolvimento e a educação de diferentes matizes deste sentimento, se sente desgostoso com o significado demasiado vago e geral do sentido da palavra amor.[3]

A multiplicidade do sentimento de amor cria, sob o jugo da ideologia e dos costumes capitalistas, uma série de dolorosos e insolúveis dramas morais. Desde o final do século 19, os psicólogos começaram a tratar como tema favorito a multiplicidade do sentimento de amor. Os representantes da cultura burguesa começaram a sentir inquietação e desconcerto diante desse enigma do amor por dois e até por três seres.

H. A. Herzen, grande pensador e jurista do século passado, tentou encontrar uma solução para esta complexidade da alma

[2] Esse conflito ocorrerá principalmente, com grande frequência, nas mulheres da época contemporânea, de transição.

[3] A nova humanidade será obrigada a encontrar novas palavras para expressar os múltiplos aspectos das sensações psíquicas que atualmente se traduzem de forma grosseira por palavras tais como amor, paixão, desejo, complexo amoroso e amizade. O estado de alma tão complicado que resulta da união de todos esses sentimentos diversos não pode ser expressado de modo algum por estas noções e definições tão vagas.

humana e para este desdobramento de sentimentos em seu romance intitulado: *De quem é a culpa?* Também Tchernichevsky tentou encontrar solução para este problema no romance social: *Que fazer?*

O desdobramento dos sentimentos de amor e sua multiplicidade preocuparam os maiores escritores da Escandinávia, tais como Hanisen, Ibsen, Bernsen[4] e Heierstan. Os literatos franceses do século passado ocuparam-se também com esse tema. Romain Rolland, escritor simpatizante do comunismo, e Maeterlink[5], que se manteve alheio a nossos ideais, trataram igualmente de encontrar a solução para este problema. Os gênios poéticos como Goethe, Byron e George Sand, este último um dos pioneiros mais ardentes no campo das relações entre os sexos, tentaram resolver na prática esse complicado problema, o enigma do amor. Herzen, autor do livro *De quem é a culpa?*, tanto quantos outros pensadores, poetas e homens de Estado, se deram conta do terrível problema à luz de sua própria experiência. Porém, sob o peso do enigma da dualidade de sentimentos de amor, se dobram também os homens que não são grandes de modo algum, mas que buscam em vão a chave da solução do problema dentro dos limites impostos pelo pensamento burguês. A solução do problema está precisamente nas mãos do proletariado. A solução deste problema pertence à ideologia e ao novo modo de vida da humanidade trabalhadora.

Quando falamos da dualidade do sentimento de amor e da sua complexidade, não devemos confundir esta dualidade com as relações sexuais de um homem com várias mulheres ou da mulher com vários homens. A poligamia, na qual não há o sentimento de amor, pode ser causa de consequências nefastas (esgotamento precoce do organismo, maior facilidade para contrair enfermidades venéreas etc.); mas estas uniões não criam dramas morais. Os dramas e os conflitos surgem quando nos

[4] *Hilda, a desencaminhada.*

[5] *Aglaneme e Celisette.*

encontramos em presença do amor com todos os seus matizes e manifestações diversas. Uma mulher pode amar um homem por seu espírito somente se os pensamentos, aspirações e desejos dele estão em harmonia com os seus; ao mesmo tempo, pode sentir-se atraída fisicamente por outro homem. Assim como a mulher, o homem pode experimentar um sentimento de ternura cheio de considerações, de compaixão cheia de solicitude por uma mulher, mesmo que em outra encontre apoio e compreensão. A qual dessas duas mulheres deverá entregar a plenitude do amor? Terá necessariamente que mutilar sua alma e arrancar um desses sentimentos quando só pode adquirir a plenitude de seu ser com a manutenção desses dois laços de amor?

Sob o regime burguês, o desdobramento da alma e do sentimento traz consigo inevitáveis sofrimentos. A ideologia baseada no instinto da propriedade inculcou no homem, durante séculos e séculos, que todo sentimento de amor deve estar fundamentado num princípio de propriedade. A ideologia burguesa gravou na cabeça dos homens a ideia de que o amor dá direito a possuir inteiramente, sem compartilhá-lo com ninguém, o coração do ser amado. Este ideal, esta exclusividade no sentimento de amor, era consequência natural da forma estabelecida do matrimônio indissolúvel e do ideal burguês de amor absorvente entre os esposos. Porém, o ideal burguês pode corresponder aos interesses da classe operária? Muito mais importante e desejável é que, do ponto de vista da ideologia proletária, as sensações dos homens se enriqueçam cada vez com maior conteúdo e se tornem múltiplas. A multiplicidade da alma constitui precisamente um fato que facilita o desenvolvimento e a educação dos laços do coração e do espírito, mediante os quais se consolidará a coletividade trabalhadora. Quanto mais numerosos são os fios que se estendem entre as almas, entre os corações e as inteligências, mais solidez adquire o espírito de solidariedade e com maior facilidade pode realizar-se o ideal da classe operária: camaradagem e união.

O exclusivismo e a absorção no sentimento de amor não podem constituir, do ponto de vista da ideologia proletária, o ideal do amor determinante nas relações entre os sexos. Ao contrário, o proletariado, ao tomar conhecimento da multiplicidade do amor, não se assusta absolutamente com esta descoberta, nem tampouco experimenta indignação moral como aparenta a hipocrisia burguesa. O proletariado trata, ao contrário, de dar a este fenômeno (que é o resultado de complicadas causas oficiais) uma direção que sirva a seus fins de classe, no momento da luta e da edificação da sociedade comunista.

Estará, por acaso, a multiplicidade do amor em contradição com os interesses do proletariado? Ao contrário, esta multiplicidade no sentimento do amor facilita o triunfo do ideal de amor nas relações entre os sexos, que já se formam e cristalizam no seio da classe operária: o amor-camaradagem.

A humanidade do patriarcado concebia o amor como o carinho entre os membros de uma família (amor entre irmãos e irmãs, entre os filhos e os pais). O mundo antigo antepunha a qualquer outro sentimento o amor-amizade. O mundo feudal tinha, como ideal de amor, o amor espiritual do cavaleiro, amor independente do matrimônio e que não trazia consigo a satisfação da carne. O ideal de amor da sociedade burguesa era o amor de um casal unido por um sentimento legítimo.

O ideal de amor da classe operária está baseado na colaboração no trabalho, na solidariedade do espírito e da vontade de todos os membros, homens e mulheres, e se distingue, portanto, de modo absoluto da noção que tinham do amor as outras épocas da civilização. Que é pois, o amor-camaradagem? Quererá tudo isto dizer que a severa ideologia da classe operária, forjada numa atmosfera de luta para o triunfo da ditadura do proletariado, se dispõe a jogar fora sem piedade o amor romântico? De modo algum. A ideologia da classe operária não pode desprezar o amor romântico. Ao contrário, prepara o reconhecimento do sentimento de amor como força social e psíquica.

A hipocrisia moral da cultura burguesa, que obrigava o amor a visitar somente o casal unido legalmente, arrancava sem piedade toda a sua beleza. Fora do matrimônio, só podia existir para a ideologia burguesa a atração passageira entre os sexos sob a forma de carícias compradas (prostituição) ou de carinhos roubados (adultério).

A moral da classe operária, ao contrário, despreza francamente a forma exterior que estabelece as relações de amor entre os sexos. Para o sucesso das tarefas do proletariado, é indiferente que o amor tome a forma de uma união estável ou que não tenha mais importância que uma união passageira. A ideologia da classe operária não pode fixar limites formais ao amor. Ao contrário, esta ideologia começa a sentir inquietação pelo conteúdo do amor, pelos laços de sentimentos e emoções que unem os dois sexos; por isso, neste sentido a ideologia proletária tem que perseguir a luxúria, a satisfação única dos desejos carnais pela prostituição, a transformação do ato sexual num fim em si mesmo, que faz dele um prazer fácil etc., mais implacavelmente que o fazia a moral burguesa. A luxúria está em contradição com os interesses da classe operária. Em primeiro lugar, este amor supõe inevitavelmente os excessos e o esgotamento físico, que contribuem para diminuir a reserva de energia da humanidade. Em segundo lugar, empobrece a alma porque impede o desenvolvimento, entre os seres humanos, de laços psíquicos e de sensações de simpatia. Em terceiro lugar, este amor tem por base a desigualdade de direitos entre os sexos nas relações sexuais; ou seja, está baseado na dependência da mulher em relação ao homem, na vaidade ou insensibilidade do homem, o que afoga necessariamente toda a possibilidade de experimentar um sentimento de camaradagem. Em troca, a ação exercida sobre os seres humanos pelo amor espiritual é completamente distinta.

Não resta a menor dúvida de que na base do amor espiritual se encontra também, como na luxúria, a atração física entre os sexos. A diferença consiste precisamente em que, no ser movido por sen-

timentos de amor que o impulsionam para outro ser, despertam e se manifestam justamente as qualidades da alma necessárias aos construtores da nova cultura: sensibilidade, delicadeza e desejo de ser útil a outros. A ideologia burguesa, em troca, exige que o homem ou a mulher só se vangloriem destas qualidades na presença do eleito ou da eleita, ou seja, em suas relações com um só homem ou uma só mulher. O mais importante para a ideologia proletária é que estas qualidades despertem, desenvolvam e eduquem todos os homens e, portanto, não se manifestem apenas nas relações com o objeto amado, mas também nas relações com todos os demais membros da coletividade.

Na realidade, para o proletariado, não importam os matizes e sentimentos predominantes no amor. O proletariado sente-se indiferente diante dos delicados tons do complexo amoroso, diante das incendiárias cores da paixão ou diante da harmonia do espírito. O que lhe interessa é que, em todas as manifestações e sentimentos de amor, existam os elementos psíquicos que desenvolvem o sentimento de camaradagem.

O ideal de amor-camaradagem, forjado pela ideologia proletária para substituir o absorvente e exclusivo amor conjugal da moral burguesa, está fundado no reconhecimento dos direitos recíprocos na arte de saber respeitar, inclusive no amor, a personalidade do outro, num firme apoio mútuo e na comunidade de aspirações coletivas.

O amor-camaradagem é o ideal necessário ao proletariado nos períodos difíceis de grandes responsabilidades, quando luta para o estabelecimento de sua ditadura ou para fortalecer sua continuidade. Entretanto, quando o proletariado triunfar totalmente e for de fato uma sociedade constituída, o amor apresentar-se-á de forma completamente distinta, adquirirá um aspecto totalmente desconhecido até agora pelos homens. Os laços de simpatia entre os membros da nova sociedade se desenvolverão e se fortalecerão, a capacidade para amar será muito maior, e o amor-camaradagem se converterá no estimulante papel que na sociedade burguesa estava

reservado ao princípio de concorrência e ao egoísmo. O coletivismo do espírito e da vontade triunfarão sobre o individualismo que se bastava a si mesmo. Desaparecerá o frio da solidão moral, do qual no regime burguês os homens tentavam escapar, refugiando-se no amor ou no matrimônio; os homens ficarão unidos por inumeráveis laços sentimentais e psíquicos. Seus sentimentos se modificarão no sentido do interesse cada vez maior pela coisa pública. Desaparecerão sem deixar o menor rastro a desigualdade entre os sexos e todas as formas de dependência da mulher em relação ao homem.

Nesta nova sociedade, coletivista por seu espírito e suas emoções, caracterizada pela união feliz, por relações fraternais entre os membros da coletividade trabalhadora e criadora, o amor ocupará um lugar de honra, como sentimento capaz de enriquecer a felicidade humana. Como se transfigurará? Nem a fantasia mais criadora é capaz de imaginá-lo. Só é indiscutível que, quanto mais unida estiver a humanidade pelos laços duradouros da solidariedade, tanto mais intimamente unida estará em todos os aspectos da vida, da criação ou das relações mútuas. Por conseguinte, não haverá mais lugar para o amor no sentido contemporâneo da palavra. Em nosso tempo, o amor peca sempre por um excesso de absorção de todos os pensamentos, de todos os sentimentos entre dois corações que se amam e que, portanto, isolam e separam o casal amante do resto da coletividade. Esta separação, este isolamento moral do casal amoroso, não somente será completamente inútil como psicologicamente impossível numa sociedade em que estão intimamente unidos os interesses, as tarefas e as aspirações de todos os membros da coletividade. Neste mundo novo, a forma reconhecida, normal e desejada das relações entre os sexos estará fundamentada puramente na atração sadia, livre e natural (sem perversões, nem excessos) dos sexos; as relações sexuais dos homens na nova sociedade estarão determinadas pelo novo amor.

Atualmente, encontramo-nos na encruzilhada onde se chocam duas civilizações: a civilização burguesa e a civilização proletária.

Nesse período de transição, em que estes dois mundos lutam encarniçadamente em todas as frentes, inclusive, naturalmente, na frente ideológica, o proletariado está muito interessado em atingir por todos os meios a seu alcance a acumulação mais rápida possível de sensações e sentimentos de simpatia. Neste período de transição, a ideia moral que determina as relações entre os sexos não pode ser o brutal instinto sexual, mas sim as múltiplas sensações do amor-camaradagem experimentadas por homens e mulheres. Para que estas sensações correspondam à nova moral proletária em formação, é necessário que estejam baseadas nos três seguintes postulados:

a) Igualdade nas relações mútuas (isto é, desaparecimento da autossuficiência masculina e da servil submissão da individualidade da mulher ao amor);

b) Reconhecimento mútuo e recíproco de seus direitos, sem que nenhum dos seres unidos por relações de amor pretenda a posse absoluta do coração e da alma do ser amado (desaparecimento do sentimento de propriedade fomentado pela civilização burguesa);

c) Sensibilidade fraternal; a arte de assimilar e compreender o trabalho psíquico que se realiza na alma do ser amado (a civilização burguesa só exigia que a mulher possuísse no amor esta sensibilidade).

Porém, ainda que a ideologia da classe operária proclame os direitos do amor, subordina, ao mesmo tempo, o sentimento que os membros da coletividade trabalhadora sentem entre si a um outro muito mais poderoso: o do dever para com a coletividade. Por maior que seja o amor que une dois indivíduos de sexos diferentes, por muitos que sejam os vínculos que unem seus corações e suas almas, os laços que os unem à coletividade têm que ser muito mais fortes, mais numerosos e orgânicos. Tudo para o homem amado, proclamava a moral burguesa. Tudo para a coletividade, estabelece a moral proletária.

Agora ouço-o argumentar, meu jovem camarada: "Concordo quando você afirma que as relações de amor, baseadas no espírito

de fraternidade, se convertem no ideal da classe operária. Porém, não pesará demasiado esta medida moral sobre os sentimentos amorosos? Este ideal não poderia destroçar e mutilar o amor. Libertamos o amor das correntes da moral burguesa, mas será que não lhe criaremos outras?"

Tem razão, meu jovem camarada. A ideologia proletária, ao não aceitar a moral burguesa no domínio das relações matrimoniais, cria, inevitavelmente, sua própria moral de classe, as formas regulamentadoras das relações entre os sexos que melhor correspondam às tarefas da classe operária, que sirvam para educar os sentimentos de seus membros e que, portanto, constituem até certo ponto correntes que aprisionam o sentimento do amor. Sem dúvida, se falamos do amor patrocinado pela ideologia burguesa, o proletariado evidentemente haverá de modificá-lo. Entretanto, o que não se pode fazer, porque significa não pensar no futuro, é lamentar que a classe operária imprima sua marca nas relações sexuais com o objetivo de conseguir que o sentimento de amor corresponda a suas tarefas de classe. A classe ascendente da humanidade criará motivos de beleza, força e brilho até agora desconhecidos. Não se esqueça, jovem camarada, que o amor muda de aspecto e se transforma, inevitavelmente, uma vez que se transformam as fases econômicas e culturais da sociedade.

Se conseguirmos que, das relações de amor, desapareça o cego, o exigente e absorvente sentimento passional; se desaparece, também, o sentimento de propriedade, tanto quanto o desejo egoísta de unir-se para sempre ao ser amado; se conseguirmos que desapareça a vaidade do homem, e que a mulher não renuncie criminosamente ao seu eu, não há dúvida de que, com o desaparecimento de todos esses sentimentos, desenvolvam-se outros elementos preciosos para o amor. Assim, por exemplo, aumentará o respeito para com a personalidade do outro e também se aperfeiçoará a arte de levar em conta os direitos dos demais; educar-se-á a sensibilidade recíproca e se desenvolverá enormemente a tendência a manifestar o amor não

somente com beijos e abraços, mas também com uma unidade de ação e de vontade na criação comum.

A tarefa da ideologia proletária não é, pois, separar das suas relações sociais o amor, mas dar-lhe novo colorido. Ou seja, visa desenvolver o sentimento do amor entre os sexos, baseado na mais nova e poderosa força: a solidariedade fraterna.

Espero, jovem camarada, que agora veja claramente que o fato de o problema do amor despertar o interesse tão extraordinário entre a juventude trabalhadora não é, de modo algum, sintoma de decadência. Creio que agora poderá encontrar sozinho o lugar que deve corresponder ao amor, não apenas na ideologia do proletariado, mas também na vida diária da juventude trabalhadora.